

4. RESTAURAÇÃO DA FREGUEZIA

A Igreja e a Paróquia subsistiram mesmo estando em ruínas a antiga Matriz do Bom Sucesso.

Em 14 de agosto de 1820, o padre Carlos Luís de Melo celebrava, como vigário, o primeiro batizado, sendo os assentos, por vezes, feito pelo padre Francisco de Paula e Assis, embora assinados por aquele sacerdote. Os registros assinalam “*Bairro do Rio Pardo*”. Não há dúvida de que era a mesma Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Bom Sucesso do Rio Pardo, como se vê da provisão do Padre Carlos Luís de Melo.

4.1. Iniciativa da Restauração da Freguezia

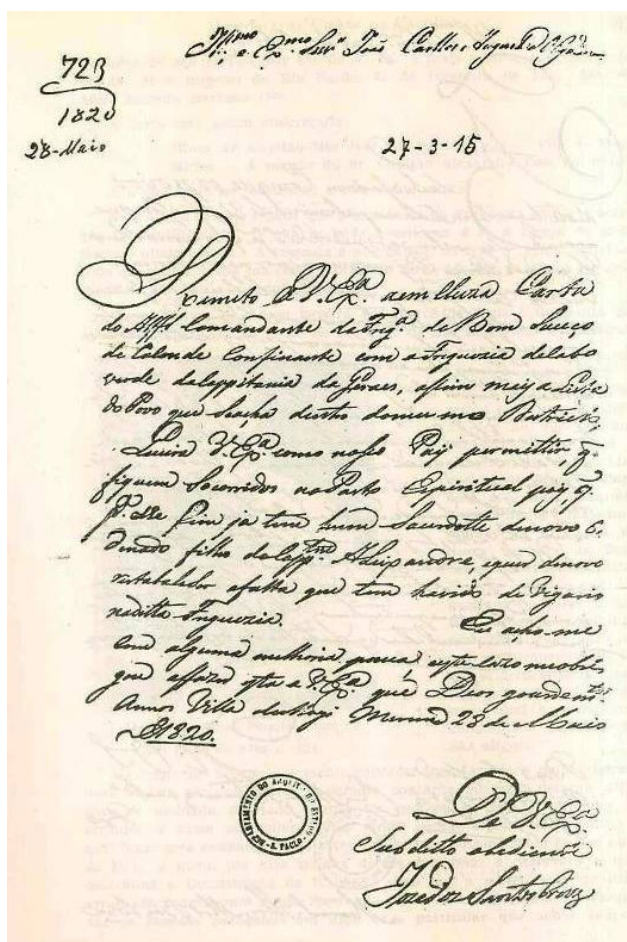
A iniciativa da restauração da Freguezia é do alferes Manoel Alves Moreira Barbosa e do capitão Alexandre Luís de Melo, que devem tê-la pedido ao visitador diocesano padre Antônio Marques Henrique, quando este passou em 8 de agosto de 1818 na Paróquia de Cabo Verde.

Eles também enviaram uma carta em 29 de fevereiro de 1820, ao capitão-mor de Mogi-Mirim, José dos Santos Cruz, pedindo patrocínio para obtenção de licença para a construção de uma nova capela.

A carta, obedecendo à hierarquia militar, está assim endereçada:

“Ilmo. Sr. Capitão-Mor José dos Santos Cruz – Vila de Mogi-Mirim – A mando do Sr. Capitão Alexandre Luís de Melo. A satisfação com que os povos deste lugar tem tido no patrocínio

de V. Sa. faz com que agora se prostrem aos pés de V. As.



Para que com olhos de piedade e como Pai nos queira por na presença e S. Excia. Revdma. para nos prover com a licença para fazermos a nova capela e termos os sacramentos mais favorável de que o de procurarmos a Freguezia de Cabo Verde por que para alguns fica de nove a dez léguas e ainda as que até aqui temos sido socorrido, agora como já vai crescendo mais o povo queremos fazer todo o esforço para termos o sacramento perto e para esse fim pedimos a V. Sa. nos queira atestar a nosso favor na mesma lista que vai pois não vai o mapa por estar a espera que V. Sa. me mande o modelo para fazer vai tão somente a lista dos freguezes que há dentro deste distrito e que há de ter perto de

300 almas o que se poderá ver no mapa que há que se tirar e esperamos de V. Sa. todo o patrocínio para o fim que protestamos. Estimando V.Sa. viva saudável e tudo quanto lhe diz respeito para mandar-me ocasiões de seu serviço por ser de V. Sa. o mais atencioso e obediente criado. Bom Sucesso do Rio Pardo, 29 de fevereiro de 1820. Manoel Alves Moreira Barbosa".¹

4.2. Provisão de Restauração

A Provisão para a restauração da antiga Freguezia e construção da nova Matriz, foi dada por Dom Mateus de Abreu Pereira, Bispo de São Paulo, em 28 de junho de 1820.

¹ Adriano CAMPANHOLE. *Memória da Cidade de Caconde*, p. 182.

Na mesma Provisão, o Bispo, encomenda ao padre Carlos Luís de Melo, que recebeu ordens em 1819, de celebrar os ofícios divinos em uma casa particular até o término da construção da Matriz.

Segundo o historiador Adriano Campanhole, a data da restauração de Caconde no local onde se encontra é da Provisão: 28 de junho de 1820, ao invés de 24 de dezembro de 1824, como afirma o Comendador Umbelino Fernandes.

Eis o teor da Provisão dada por Dom Mateus:

“Dom Mateus de Abreu Pereira por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, bispo de São Paulo do Conselho de Sua Magestade Fidelíssima, aos que esta nossa provisão virem saúde e benção em o Senhor. Fazemos saber que atendendo nós ao que por sua petição representaram o alferes comandante



Manoel Alves Moreira Barbosa, o capitão Alexandre Luís de Melo, e mais moradores da Freguezia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Caconde, deste Bispado, pedindo que eles queriam restaurar a antiga paróquia, levantando nova Matriz em outro lugar mais conveniente, do que se acha situada a antiga, que está toda arruinada, qual é a paragem denominada Ribeirão de São Miguel. Havemos por bem pela presente conceder lhes faculdade para erigirem nova Matriz no lugar acima designado, contanto que seja decente, alto, livre de umidade, desviado quanto

for possível de lugares imundos, e sórdidos, e casas particulares, não sendo porém ermos despovoados, o qual será assinalado pelo reverendo pároco encomendado Carlos Luís de

Melo, a quem por esta mesma damos comissão; e observará o que determina a Constituição do Bispado: visto que a matriz está de todo arruinada, autorizamos o dito reverendo pároco para interinamente executar as funções paroquiais em uma casa particular que achar com a decência devida até que seja concluída a Nova Matriz, na qual depois de acabada não se poderá dizer missa, sem nova licença nossa, precedendo informação do lugar, e capacidade da Matriz, escritura de dote competente que valha cem mil réis, e renda cada ano seis mil réis, para sua fábrica, reparação e ornamentos. Dada em São Paulo sob nosso sinal, e selo de nossas Armas aos 28 de junho de 1820. E eu Padre Idelfonso Xavier Ferreira, oficial da Câmara Episcopal o escrevi. Mateus, Bispo".²

4.3. Doação do Patrimônio

Em 1820, a Igreja ainda não dispunha de patrimônio. Como se verifica do Tombamento de 1817, Miguel da Silva, que foi o doador, possuía em Caconde os sítios do Rio Pardo e Cuiabá, que houvera por posse.

Foi no dia 28 de dezembro de 1822, na Fazenda do Bom Jesus, que o casal, Miguel da Silva Teixeira e Maria Antônia dos Santos, fizeram a doação de um quarto de légua em quadra (na légua antiga de 6.600 metros ou 3.000 braças são 51, 5 alqueires de 48.000 m² - na légua atual de 6.600 metros, são 103 alqueires) à Padroeira Nossa Senhora da Conceição, para o Patrimônio da construção da Nova Matriz e restauração da Freguezia.

Os doadores possuíam 1.022 alqueires. Miguel da Silva teve o mérito de ser o doador do Patrimônio, seu nome devia estar incluído entre os que assinaram a petição para restauração da Freguezia, é ele um dos fundadores e não o único fundador.

Miguel nasceu por volta de 1758, foi batizado na Capela de Santo Antônio do Rio das Mortes (Município de São João Del-Rei). Casou-se em 15 de junho de 1783, na Ermida de São João Nepomuceno com Maria Antônia dos Santos, nascida por volta de 1760, em Lavras.

²Adriano CAMPANHOLE. *Memória da Cidade de Caconde*, p. 185.

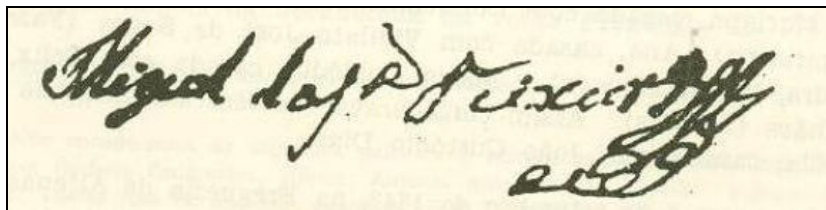
Maria Antônia dos Santos faleceu em 12 de julho de 1833, em Caconde e Miguel da Silva Teixeira casou-se em segundas núpcias com Maria Felizarda de Oliveira e provavelmente veio a falecer em 1842 ou 1843, em Caldas.

Ao falecer, Miguel ainda era proprietário da Fazenda do Engano, além do Rio Pardo.

Eis o teor da escritura de doação do Patrimônio:

“Escritura de Patrimônio que fazem Miguel da Silva Teixeira e sua mulher Maria Antônia dos Santos a Nossa Senhora da Conceição. Dizemos nós, Miguel da Silva Teixeira e minha mulher Maria Antônia dos Santos, que entre os mais bens de que somos senhores, com livre e geral administração, bem assim o somos de uma sorte de terras de cultura sitas em o Ribeirão denominado Pinhal, em as quais terras damos gratuitamente a Nossa Senhora da Conceição um quarto de légua em quadra cuja medição do dito quarto de légua principia pela parte debaixo das divisas da Fazenda de D. Maria Teresa de Jesus, e seguindo pelo espigão dessa divisa acima, até onde findar o quarto e daí fará quadra os mais rumos, cuja doação do patrimônio fizemos muito de nossas livres vontades e sem constrangimento de pessoa alguma e faço esta doação; porém ficando-nos o direito salvo de fazermos nossas casas, sem sermos obrigados a pagar coisa alguma de arrendamento; tanto nós, como nossas famílias; e por ser esta nossas últimas vontades pedimos a Joaquim Alves Moreira esta por nós fizesse em presença das testemunhas abaixo assinadas. Assinando a rogo de minha mulher, Manoel Barbosa Guimarães, e eu marido me assino com meu nome inteiro e sinal de que uso. Hoje, Fazenda de Bom Jesus, 28 de dezembro de 1822. Assino a rogo de Maria Antônia dos Santos, Manoel Barbosa Guimarães. Miguel da Silva Teixeira. Como testemunha presente, Fabrício Marinho de Moura. Como testemunha que esta vi fazer e assinar, o vigário Carlos Luís de Melo. Como testemunha presente, Felipe Mendes de Carvalho. Como testemunha presente, Silvino Barbosa. Como

testemunha que este fiz a rogo dos sobreditos e vi assinar, Joaquim Alves Moreira”.³

A rectangular box containing a handwritten signature in dark ink on a light-colored background. The signature is written in a cursive, flowing style and appears to read 'Miguel da Silva Teixeira'.

Assinatura de Miguel da Silva Teixeira

4.4. Construção da nova Igreja Matriz

Doado o terreno, inicia-se a construção da nova Igreja Matriz. Existe uma provisão de funcionamento da Igreja datada de maio de 1824. As missas e ofícios divinos até então, eram celebrados em casa particular pelo padre Carlos Luiz de Melo.

4.5. O Padre Carlos Luiz de Melo

Padre Carlos era natural da Freguezia de Nossa Senhora do Pilar de São João Del-Rei, onde foi batizado em 23 de novembro de 1789.

Filho do Capitão Alexandre Luiz de Melo e de Ana Mariana de Jesus Pinheiro, recebeu em 30 de junho de 1820, a provisão de vigário encomendado da Freguezia do Bom Sucesso e provisão de Vigário da Vara da Comarca da mesma Freguezia. Mudou-se em 1830 para Cajuru e faleceu provavelmente em 1855. (*Adriano CAMPANHOLE. ob. cit.*)

Foi pároco na época da restauração da Freguezia de Caconde, no local onde se encontra hoje. Também exerceu grande influência no início da vida política da cidade.

³ Adriano CAMPANHOLE. *Memória da Cidade de Caconde*, p. 191.

4.6. A Primeira Missa

Segundo a Tradição, a Primeira Missa na restaurada Freguezia Caconde foi celebrada a véspera do Natal, em 24 de dezembro de 1824. Tal data é errônea, pois as missas, como se viu, eram celebradas em casa particular.

A Missa da véspera de Natal, a qual o historiador Umbelino Fernandes discorre longamente na sua resenha histórica de 1924, chamada "Polyanthéa", foi sim, a Missa de inauguração do Altar-mor da Igreja Matriz, mas, segundo Adriano Campanhole, não a primeira missa celebrada na Freguezia ressurecta, visto existir uma provisão de funcionamento da Igreja datada de maio de 1824.

Eis o relato da Primeira Missa, segundo o Comendador Umbelino:

“A chuva em mangas intermitentes cahe de mansinho, encharcando as estradas, adunando as águas dos córregos e regatos. No entanto, affrontando o rigor do tempo, daqui e dalli, vindos dos diversos bairros, chegam em magotes, a pé, carregando trouxas e malas, - homens rústicos, de amplo chapêos de lã batida, afunilados, arrastando com garbo as velhas e compridas espadas durindanas — mulheres envoltas em capotes de baetilha e barrigana. Em rumorosa cavalgatas chegam alguns graúdos homens de botas de canos altos, de couro de mateiro - mulheres de cartolinas e amplas saias amazonas. Outros, mais commodistas, vêm de carradas. E logo a pequena esplanada regorgita de uma multidão confusa, alegre, que, pela primeira vez, após tantos annos, no centro agreste desta região sertaneja, se vê reunida, em franca e amistosa convivência, commungando a mesma aspiração e o mesmo contentamento. Num vai-vem continuo, grandes e pequenos, fazem visitas recíprocas, travando conhecimentos pessoaes. A noite cahe pesada e humida, mas não interrompe o borborinho e as manifestações de jubilo, pois já se ouvem os rumores dos esquentados cateretês, decantando a «tyranna, minha tyranna» e outras queixas do amor trahido, acompanhadas de palmas e do choro rasgado das violas de Queluz. E assim vae pela noite a fora até, que o sino, em

longos repiques, chama os fieis a se reunirem sob o tendal em frente a casinha dos operários, onde se ergue o altar para a celebração da missa do gallo. Ao lado está o humilde presepe ornado de palmas e flores silvestres. Mas, - falta notável - não se ouve o canto da ave gentil que dá o nome à singular e suggestiva missa da meia noite. Do recesso escuro da matta chegam de quando em quando os pios dolentes do curiango e os gritos tristonhos do urutau. O Padre Carlos Luiz de Mello reza a missa, que os fieis, silenciosos e constrictos, ouvem, de pé firme, calcando o solo humido e lamacento. Ao dispersar-se a multidão, os bacamartes, os trabueos, os clavinotes estouram em salvas alviçareiras, que pela calada da noite, echoam nas quebradas das serras, como ribombo de trovões longínquos. E a turba irrequieta, ávida dos folgedos, perambula animada e contente, não querendo perder um só instante da noitada propicia e deleitosa. A fanfarra alegre dos urús anuncia o romper da aurora e logo lá para as bandas da capella velha, surge o sol radioso, de rosto prazenteiro, promettendo um dia de bonança. Celebrada a missa da manhã, o povo aguarda com impaciência a missa do dia; no entanto, recrudescem os festejos populares. Escravos novos, robustos, bizarramente phantasiados, em duas filas distinctas, ao ranger dos cazás, e ao som dos tambores e adufes, em largos giros figurados, dançam a congada, simulando pelejas entre mouros e christãos. Negros velhos — os moçambiqueiros — vestidos de saia branca, os tornozellos e pulsos bizalhados de guisos e axorcas, regidos pelo ngana muquixa, fazendo soar os pandeiros, a marimba o urucungo, e aos roncões alternados da puita e da lungufa, dançam o samba derreado e cantam os jongos lamuriosos, numa algaravia bárbara de portuguez e quibundo. E assim os negros, em alegre promiscuidade com os brancos, rendem, a seu modo, ao verdadeiro Deus, o culto que outrora, em África, prestavam aos seus ídolos grotescos. Os magnatas da terra apresentam-se nos seus trajos domingueiros — chapéus do abas largas, deixando ver as guedelhas, calças de alçapão, jaquetas de golas altas e frente desabotoada, mostrando no collete de

velludo estampado a grossa corrente de ouro que prende o valioso relógio-distintivo dos homens de importância. Entre elles, como alvo dos olhares e atenções, destaca-se a figura do respeitável senhor Capitão-mor, Custodio José Dias, de Santo Antonio do Machado, que veio especialmente para, com suas filhas e genros, assistir aqui as festas do Natal. Em visitas e passeios, grupos de famílias, vão de um rancho a outro rancho. As donas de respeito, com os seus vestidos de nobreza, de três e quatro ordens de babados, se envolvem discretamente nas longas capas de panno fino, com cabeção de velludo recamado de vidrilhos. As moças de família, em corpinho, vestido tufado pelas saias de gomma, os cabellos untados da cheirosa pomada de maçacar (comprada na corte do Rio), exhibem, como requinte do luxo, um escrínio de jóias, muitas jóias de ouro de lei e de legítimos diamantes do Serro e do Tejuco, - preciosos remanescentes dos áureos tempos das famosas Minas-geraes. Allegrando o céu escampo bandos de papagaios num vôo frouxo, passam, perpassam, em alarido infantil, mirando cubiçosamente o verde milharal já eriçado de pendões fecundantes. Mais além, buscando as serras distantes, araras esquivas voam bem alto, pompeando à luz do sol a polychromia berrante da plumagem. Eram as galas da natureza virgem. E agora sente-se no ar o cheiro provocante da leitoa assada, companheira inseparável da pinga boa e do clássico tatu. Todos se entregam às lautas refeições. O sino anuncia a aproximação da hora desejada. Reúne-se em massa a multidão; o padre reza a missa do dia e logo sahe a procissão, oh! a procissão, sonho fagueiro de tantas noites, espectáculo encantador que virá despertar saudosas reminiscências dos tempos que já se foram. E o préstito segue lentamente em meio de cânticos laudatórios à Virgem da Conceição, cuja imagem se vê no alto do andor carregado pelos mais poderosos da terra, e faz em fim o seu longo percurso pelas devesas empedradas de tocos e troncos carbonizados. Terminado o Te-Deum, o padre lança finalmente sobre os seus parochianos uma benção confortadora, como seguro penhor e solemne consagração de uma idéia

triumphante. Estavam em fim lançados os fundamentos da nova Caconde”.

4.7. A vida política do povoado

Em 1825, a Matriz não estava inteiramente concluída, mas já abrigava os fiéis. Segundo o arquivo paroquial, era pároco nesse ano o Pe. Antônio Oliveira Carvalho.

O Padre Carvalho benzeu o novo cemitério no lugar da nova edificação da Matriz, passando os sepultamentos a serem feitos no adro da Igreja, ou seja, na área ocupada pelo jardim da atual Praça Ranieri Mazzilli.

Em 1828, a Igreja Matriz que já obtivera provisão e bênção, compunha-se unicamente de Capela-mor.

Contava o núcleo inicial do povoado com um regular número de casas, sendo algumas cobertas de telhas. A população orçava por cem habitantes, sendo 1.600 em toda a Freguezia.

A Câmara de Mogi-Mirim nomeou em 6 de abril de 1828, o capitão Domiciano José de Souza para exercer o cargo de Juiz de Paz, e para suplente, José Barbosa Guimarães, sendo eleito e provido no cargo de escrivão Joaquim Alves Moreira. Em sessão extraordinária de 3 de maio desse mesmo ano, a Câmara deferiu juramento às primeiras autoridades locais. Deu também, a mesma Câmara, à Freguezia de Caconde três eleitores paroquiais. A 8 de dezembro, realizaram-se na Igreja Matriz as primeiras eleições paroquiais, sendo presidida a mesa pelo Juiz de Paz Domiciano de Souza e pelo padre Carlos Luiz de Melo.

A lei n.º 6, de 5 de abril de 1864, elevou a Freguezia de Caconde à categoria de Vila. Em 7 de setembro deste ano, foi constituída na Igreja Matriz, a Mesa Paroquial da Nova Vila de Nossa Senhora da Conceição de Caconde.

A lei n.º 10, de 9 de março de 1883, eleva a Vila de Caconde à categoria de Cidade.

4. 8. O nome Caconde

A denominação da Freguezia era instável na documentação oficial, enquanto na eclesiástica não variava muito.

Ao observar os recenseamentos de Mogi-Mirim a partir de 1778 e outros documentos do Governo, notar-se-á a variação constante da denominação oficial, a par da intercalação da antonomásia:

1765 - Descoberto de Nossa Senhora da Conceição;

1775 - Descoberto de N. S. do Bom Sucesso das Cabeceiras do Rio Pardo;

1786 - Cacunda;

1797 - Caconda;

1798 - Arraial de N. S. do Bom Sucesso;

1799 - Paróquia de N. S. do Bom Jesus das Cabeceiras do Rio Pardo;

1786 - Paróquia do Arraial de N. S. do Bom Sucesso das Cabeceiras do Rio Pardo;

1823 - Caconde;

1825 - Distrito da Freguezia de N. S. da Conceição de Caconde;

1826 - Freguezia de N. S. da Conceição do Rio Pardo;

1829 - Freguezia de N. S. da Conceição do Rio Pardo de Caconde;

1830 - idem;

1832 - Freguezia de Caconde.

1835 – Deste ano em diante passa a ser apenas Caconde. (*Adriano CAMPANHOLE. ob. cit.*)

Percebe-se que a par da instabilidade da grafia oficial, o nome popular vai ganhando terreno e se mistura, cada vez mais, a ponto de sobrepor-se ao primeiro.

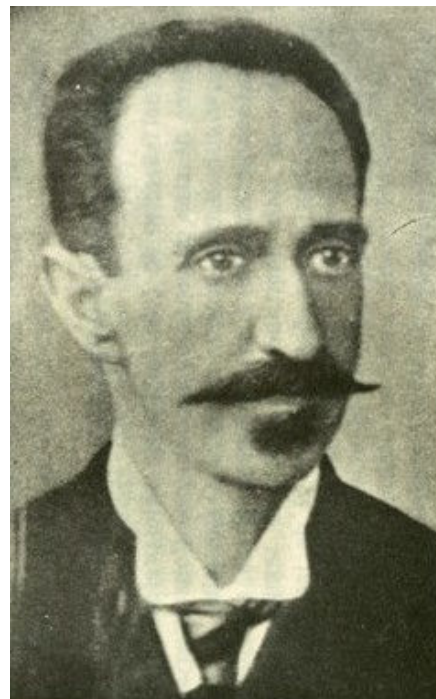
Campanhole é da opinião que a palavra "Caconda", que deu "Caconde", não devia ser corrente por ocasião do descobrimento de ouro na região. O nome foi dado pelo branco conquistador ao encontrar ali os negros cacundas

(também chamado "caconda"; eram bons carregadores, daí a palavra "cacunda" vir a significar "costas").

4.9. O cemitério “antigo”

Segundo o Comendador Umbelino, foi em primeiro de março de 1838, que o Padre José Barbosa do Nascimento benzeu o “cemitério”, atual Cemitério Velho, no local chamado "Samambaia da Capela Nova".

Adriano Campanhole, não diz nada a respeito desta data, apenas diz que em 1879 ele já se encontrava no local atual, mas é provável que esta data seja verídica, pois José Umbelino teve acesso ao Livro Tombo da Paróquia e nele devia constar a bênção do cemitério que nessa época estava sob a jurisdição da Igreja. (*Dados extraídos de “A Sentinela”, Polyanthéa, 24 de dezembro de 1924, ob. cit.*).



Comendador José Umbelino